

PÚBLICO

M A G A Z I N E

N. 229 24/7/94

AVENTURA

**SAFARI SUBMARINO
NA TAILÂNDIA**

ENTREVISTA

**COUSTEAU E A MAGIA
DOS OCEANOS**

PINTORES DO LEVANTE

**JORGE
MARTINS**

**RENÉ
BERTHOLO**

**COSTA
PINHEIRO**

**MANUEL
BAPTISTA**



“**A**qui renascem com força todas as minhas memórias de filho e neto de camponeses que cresceu no campo alentejano. Nasci na margem esquerda do Guadiana, em Moura. Encontro aqui, intactas, as reminiscências da infância, da adolescência...”, diz o pintor, olhando o mar das parreiras um pouco mais abaixo.

Há um silêncio espesso de calor que tudo cobre, a pequena casa branca mal se vislumbra por entre copas fechadas numa concha verde-escura, estampada contra o azul transparente.

António Costa Pinheiro está de volta. Veio de Lisboa, de Paris, de Munique, em cada um desses lugares viveu vidas agitadas e inquietas, como ele próprio afinal. Sobre tudo em Munique: passou lá vinte anos. Agora é outra vida que começa, aqui a sul, porque necessita hoje “deste silêncio e deste ar”.

“À noite esta solidão mete respeito. O estar sozinho cria-me fantasmas. A família vem aí, no Verão... Por enquanto, há um silêncio nocturno que dobra e pesa... Mas há qualquer coisa de sensual nisto, nesta relação de acasalamento entre nós e esta natureza e este mar... O Algarve tem tocado a pintura que faço, que fiz, lá em Munique.”

No seu “atelier”, um espaço amplo e claro dentro da casa, um tríptico de D. Sebastião, o mito entre os mitos deste artista, que sempre gostou de os manusear numa espécie de eterno “ajuste de contas” com a História, com o passado, com Portugal...

“Há aqui qualquer coisa, uma obsessão. Os “Reis”, que pintei na década de sessenta, foram passando, saíram da minha cabeça, o D. Sebastião voltou, vai e vem, mas vai permanecendo. No fundo, há em mim como que a perseguição de um mito... Agora, na exposição de azulejo que fiz em Junho na Galeria Ratton, em Lisboa, voltei a ele. Partí da ideia de que seria interessante aproveitar o carácter narrativo para o azulejo, tanto mais que eu já tinha a experiência para criar esta situação de narração... Daí que pus a essa exposição o título de “Ladainha para Um Rei”...”

A aventura de Costa Pinheiro tem um marco essencial e uma data: Munique, em 1956. Partiu com Lurdes de Castro, René Bertholo e Gonçalo Duarte. Por lá viveram anos “milagrosos e sem um tostão” (“O meu pai enviava-me cem marcos por mês...”), compensados pelo “espaço, as condições, as boas oficinas”. E não era essa Munique da

década de 50 a cidade aureolada pelo rasto luminoso de Kadinsky e de Paul Klee?

“Aprendi a desembrulhar-me por mim próprio. Fazíamos pequenas tarefas para sobreviver, vivíamos todos na mesma casa, chamava-se ‘A estufa’. Era a bela época do jazz americano que deambulava pela Europa... Éramos boémios, tudo se resolvia por debaixo dos castanheiros...”

O virar da década e uma bolsa de estudo trouxeram-lhe outro destino: Paris estava à sua frente e começava outra aventura. Lurdes de Castro e René Bertholo seguem-no e, com outros, formam um grupo, o KWY (“eram as letras que não havia no nosso alfabeto...”), e dão à estampa de um policopiador uma revis-

tualista, afirmativa do momento e da época, era o que existia e o que se fazia à escala nos países com responsabilidades estéticas. Estávamos sujeitos a toda a espécie de influências, saímos daqui de Portugal quase nus, despidos de tradições e apoios... Um espanhol tinha atrás dele um Zurbaran, um Greco, um Goya, um Velasquez, um Miró, um Picasso, um Dalí... É incrível...”

Ouvimos o canto intenso das cigarras por entre a concha cada vez mais fechada das parreiras e o ar, imóvel, translúcido, está denso de calor.

“Em 1962 vim a Portugal matar saudades, ver a família. Assinei um documento político e fui preso... Voltei a seguir para Paris, já sem



Costa Pinheiro no Algarve: “Aqui renascem com força todas as minhas memórias”

ta do mesmo nome que “ia saindo”, com uma recepção e aceitação na inversa proporção da modéstia dos meios com que era feita.

“Houve um crítico alemão que disse que, a seguir ao grupo Cobra, nós, os KWY, éramos o último grupo europeu... Expusemos como grupo em Paris, nas Belas-Artes em Lisboa, em Bolonha, em Saarbrucker. Foi uma época. Afinidades? Falar de afinidades estéticas talvez não seja adequado. Foi mais um espírito de luta, tudo aquilo era diferente, o meio era difícil, era preciso sobreviver, lutar. Não tínhamos apoios, em grupo ser-nos-ia mais fácil a afirmação... A revista durou até 1965. A minha pintura nessa altura era ges-

bolsa, mas foi outra coisa... Vivi em instabilidade financeira e psicológica. Pouco tempo depois regressiei a Munique. A Veira da Silva tinha-me dito: “Não volte para Paris...”

É então que nascem os “Reis”. Uma série absolutamente gloriosa, fortíssima, um intenso diálogo com a História, um tenso olhar, desmedido que foi no “ajuste de contas” do pintor com a situação política do seu país.

“Virei-me para os ‘Reis’ que faziam parte de uma ‘imagerie’ popular e foi isso que me interessou. Pôr em questão o nosso património histórico e o modo como ele nos era contado.” Uma galeria por onde passaram D. Afonso Henriques ou D. João II, Nuno Álvares >>